



ESPAÇO, MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO: NARRATIVAS DE IDOSOS NAS FAVELAS DA PROVIDÊNCIA E DO JACAREZINHO (RJ)

Fernando Henrique Ferreira de Oliveira ¹

RESUMO

O presente estudo analisa o envelhecimento em favelas do Rio de Janeiro, com foco nos territórios do Jacarezinho e do Morro da Providência, buscando compreender como o espaço urbano e as condições sociais influenciam as experiências de vida da população idosa. A pesquisa se apoia em referenciais da Geografia Humana, adotando uma abordagem qualitativa baseada em entrevistas semiestruturadas, observações de campo e análise de dados do Censo 2022. Os resultados evidenciam que, embora esses territórios enfrentem desafios estruturais como moradia precária, mobilidade limitada e limitações no acesso aos serviços públicos, os idosos desenvolvem estratégias de permanência, resiliência e cuidado comunitário, construindo vínculos afetivos e simbólicos com o lugar. Diferenças territoriais, como relevo, densidade populacional e oferta de equipamentos urbanos, influenciam a autonomia e a participação social dos sujeitos. O estudo também destaca a importância das redes de apoio locais e das iniciativas comunitárias, reforçando que o envelhecimento nessas comunidades é tanto um fenômeno social quanto territorial. Ao visibilizar as trajetórias e práticas cotidianas dos idosos, a pesquisa contribui para a formulação de políticas públicas sensíveis às especificidades locais, promovendo inclusão, bem-estar e direito à cidade.

Palavras-chave: Envelhecimento, Favelas, Território, Idosos.

ABSTRACT

This study analyzes aging in the favelas of Rio de Janeiro, focusing on the Jacarezinho and Morro da Providência territories, aiming to understand how urban space and social conditions influence the life experiences of the elderly population. The research is grounded in Human Geography and adopts a qualitative approach based on semi-structured interviews, field observations, and analysis of 2022 Census data. The results show that, although these territories face structural challenges such as precarious housing, limited mobility, and scarce public services, older adults develop strategies of permanence, resilience, and community care, building affective and symbolic ties to the place. Territorial differences, such as relief, population density, and the availability of urban facilities, influence the autonomy and social participation of the subjects. The study also highlights the importance of local support networks and community initiatives, emphasizing that aging in these communities is both a social and territorial phenomenon. By making the daily trajectories and practices of older adults visible, the research contributes to the development of public policies sensitive to local specificities, promoting inclusion, well-being, and the right to the city.

Keywords: Aging, Favelas, Territory, Elderly.

INTRODUÇÃO

Envelhecer em contextos de desigualdade socioespacial impõe desafios que ultrapassam a dimensão individual e revelam as contradições da vida urbana brasileira. Ao

¹ Pesquisador de Pós-doutorado – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, fh.oliveira@unesp.br



situar o envelhecimento em territórios de favela, torna-se evidente que este não pode ser compreendido apenas como um processo biológico, mas como uma experiência atravessada por fatores sociais, econômicos e territoriais que incidem diretamente na qualidade de vida dos idosos.

No Brasil, os dados demográficos evidenciam um crescimento acelerado da população idosa, ao mesmo tempo em que persistem desigualdades estruturais no acesso a direitos e serviços básicos (Campelo e Paiva et al, 2021). Nessas condições, envelhecer em favelas significa lidar com precariedades históricas, como a falta de infraestrutura urbana adequada, a insegurança habitacional e a limitada presença de equipamentos públicos de saúde, lazer e assistência social. Tais fatores ampliam vulnerabilidades, mas também revelam estratégias cotidianas de resistência e adaptação construídas pelos sujeitos que vivem nesses territórios.

A literatura sobre envelhecimento nas cidades têm avançado na análise de desigualdades sociais, interseccionalidades e políticas públicas, mas ainda são escassos os estudos que tratam de forma sistemática das experiências de envelhecer em favelas. Este artigo busca contribuir para preencher essa lacuna, articulando dados do Censo 2022 com entrevistas realizadas com idosos residentes no Complexo do Jacarezinho e no Morro da Providência, no Rio de Janeiro.

A originalidade deste estudo está na abordagem interseccional e socioespacial do envelhecimento em territórios populares, valorizando as percepções dos idosos sobre suas trajetórias, redes de apoio e relações com o espaço urbano. Assim, o artigo busca analisar como os sujeitos envelhecem nesses contextos, discutindo as dinâmicas de resistência, as desigualdades persistentes e os significados atribuídos ao envelhecer em meio às contradições das cidades brasileiras.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa para investigar o envelhecimento em favelas do Rio de Janeiro, com foco no Jacarezinho e no Morro da Providência. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, observações, registros em diário de campo e análise de dados secundários (Censo Demográfico de 2022), a fim de contextualizar as narrativas dos participantes.

Os idosos (60 anos ou mais) foram convidados a participar por amostragem em cadeia do tipo “bola de neve” (Vinuto, 2014), iniciada a partir de lideranças comunitárias e redes de



apoio presentes nos territórios. Foram excluídos apenas aqueles com comprometimentos cognitivos severos que inviabilizassem a comunicação.

A coleta ocorreu em duas etapas: (1) exploratória, com revisão bibliográfica e análise documental; e (2) descritivo-explicativa, incluindo 12 entrevistas (até a saturação teórica) e oito meses de observações de campo. As entrevistas, baseadas na técnica de história de vida (Queiroz, 1988), foram transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo temática (Bardin, 1977), orientada por categorias como corporeidade, resistência cotidiana e territorialidade.

As observações in loco complementaram as narrativas, permitindo mapear interações e dinâmicas espaciais não verbalizadas. Dados quantitativos foram incorporados para caracterizar o perfil sociodemográfico dos idosos e situar suas experiências.

O estudo seguiu os princípios éticos de pesquisa, com consentimento informado, anonimato dos participantes e reflexividade crítica quanto à posicionalidade do pesquisador (Haraway, 1995).

CARACTERIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

As favelas e comunidades urbanas brasileiras, conforme revelado pelo Censo Demográfico de 2022, apresentam marcada diversidade territorial e populacional. São espaços em constante transformação, atravessados por ciclos de construção, expansão, remoção e reconstrução de moradias. Nesse processo, os moradores desenvolvem formas próprias de organização habitacional, respondendo aos desafios impostos por uma urbanização desigual.

Em escala nacional, o Censo de 2022 identificou 12.348 favelas e comunidades urbanas, distribuídas em 656 municípios e concentradas sobretudo nas regiões metropolitanas e capitais. Esses territórios abrigam cerca de 16,4 milhões de pessoas, o equivalente a 8,07% da população brasileira. A maior concentração está no Sudeste (43,4% ou 7,1 milhões de pessoas), seguido do Nordeste (28,3%), Norte (20%), Sul (5,4%) e Centro-Oeste (2,9%). Em números absolutos, destacam-se São Paulo (3.123 favelas e 3,6 milhões de moradores) e Rio de Janeiro (1.724 favelas e 2,1 milhões). Já em termos proporcionais, os estados da Região Norte lideram, com ênfase no Amazonas (34,7%), Amapá (24,4%) e Pará (18,8%).

No Rio de Janeiro, a presença das favelas é central para compreender as desigualdades socioespaciais da cidade. Em 2022, cerca de 22% da população carioca vivia nesses territórios, totalizando mais de 1,3 milhão de habitantes (IBGE, 2024). Entre eles, destacam-se a favela do Jacarezinho, com aproximadamente 30 mil moradores e densidade de 78.000



hab/km², e o Morro da Providência, com pouco mais de 4,7 mil habitantes. Esses dados revelam tanto a expressiva densidade populacional quanto os desafios históricos enfrentados por essas comunidades (IBGE, 2024).

O envelhecimento populacional brasileiro amplia a necessidade de investigar como essa transição se manifesta em territórios populares. Idosos desempenham papéis centrais na vida familiar e comunitária - no cuidado de netos, na composição da renda doméstica e na preservação da memória coletiva (Camarano, 2021). Compreender suas condições de vida requer analisar não apenas saúde e infraestrutura, mas também mobilidade cotidiana, redes de apoio e experiências de pertencimento.

As favelas do Rio exemplificam os dilemas da velhice em contextos de vulnerabilidade: precariedade de serviços públicos, saneamento insuficiente, transporte irregular e barreiras físicas que impactam diretamente os mais velhos (Kapp et al., 2018). Ao mesmo tempo, os vínculos comunitários e familiares revelam estratégias cotidianas de resistência que atenuam parte das adversidades. Para situar espacialmente a pesquisa, apresenta-se a seguir o mapa de localização das áreas de estudo: o Jacarezinho, na Zona Norte, e o Morro da Providência, na região central. A visualização cartográfica permite compreender sua inserção na malha urbana e reforça a pertinência da análise comparativa entre ambas.

Figura 1. Localização das áreas de estudo: Complexo do Jacarezinho e Morro da Providência, Rio de Janeiro.



Fonte: Elaboração própria.

Complexo de favelas do Jacarezinho

Com cerca de 31 mil habitantes em 12 mil domicílios, o Jacarezinho localiza-se no subúrbio carioca, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Seu relevo predominantemente plano - com exceção de áreas como o Azul - favorece a expansão territorial (0,381 km²), mas resulta em altíssima densidade demográfica (78.130 hab/km²). Formado por 14 comunidades, o território expressa grande complexidade socioespacial.

Apesar da proximidade com importantes vias, como a Linha Amarela, o Jacarezinho enfrenta precariedade urbana e fragmentação de políticas públicas. Apenas três unidades de saúde atendem toda a população, enquanto problemas crônicos de saneamento persistem. Para os idosos, a mobilidade é agravada pela ausência de transporte interno e pela violência, que restringe horários de circulação.

A história do território remonta ao século XVIII, quando a área integrava o Engenho Novo dos Jesuítas (Paulino, 2017). O processo de ocupação intensificou-se nos anos 1920 (Abreu, 2021), consolidando o Jacarezinho como uma das maiores favelas da cidade. Apesar do acesso a serviços urbanos básicos, sua qualidade é deficiente, marcada por esgoto a céu aberto e sobrecarga da infraestrutura (Paulino, 2017).

Morro da Providência



Na região portuária, o Morro da Providência abriga cerca de 4,8 mil habitantes em 1,8 mil domicílios (IBGE, 2024). A topografia íngreme, com escadarias estreitas e sem corrimãos, impõe barreiras diárias à mobilidade, especialmente para idosos, que dependem de mototáxis. O teleférico, inaugurado em 2014, funciona de forma irregular, impactando deslocamentos e acesso a serviços.

Reconhecida como a primeira favela do Brasil, a Providência foi ocupada por ex-combatentes negros da Guerra do Paraguai e da Revolta de Canudos (Pinheiro, 2022). Desde então, passou por sucessivas remoções, agravadas por projetos de revitalização da zona portuária ligados a megaeventos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos (Reginensi & Bautès, 2013).

Apesar da precariedade e dos baixos indicadores socioeconômicos (SOS Providência, 2022), 82% dos moradores afirmam gostar de viver no local, ressaltando vínculos afetivos e comunitários. O perfil demográfico, marcado pelo envelhecimento e pelo enraizamento de famílias ao longo de gerações, reflete tanto desafios quanto estratégias de resistência.

REFERENCIAL TEÓRICO

A produção do espaço urbano e o lugar das favelas

A compreensão do espaço urbano transcende sua mera configuração física. Segundo Corrêa (2002), ele é uma totalidade complexa, formada pela justaposição de diferentes usos do solo - como áreas centrais, comerciais, industriais, residenciais e de lazer - e articulado pelas conexões e relações que os unem. Esta estrutura material é, antes de tudo, um reflexo da sociedade que a produz, um “objeto social” materializado em formas espaciais (Santos, 1978; 1996). A percepção dos habitantes, agentes fundamentais nesse processo, adiciona uma camada subjetiva e vital à compreensão da cidade.

Neste contexto, as favelas emergem como uma forma espacial constitutiva e paradoxal das cidades brasileiras. Elas são, simultaneamente, fragmentadas pela segregação socioespacial e articuladas por densas redes sociais e econômicas que as conectam ao todo urbano. Sua existência direciona o olhar para os agentes que produzem o espaço urbano. Corrêa (2002) elenca entre esses agentes os empresários industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e, crucialmente, os grupos sociais excluídos.

Os sujeitos desta pesquisa situam-se precisamente neste último grupo, frequentemente relegados à periferia do processo de produção da cidade. Esta exclusão resulta em uma severa segregação socioespacial, confinando essas populações a territórios periféricos e desvalorizados pelo mercado imobiliário formal. O IBGE (2024, p. 52) nomeia a riqueza



terminológica que designa esses espaços - “favelas, ocupações, comunidades, quebradas, grotas, baixadas, [...] loteamentos informais”-, termos que expressam diversidades geográficas, históricas e culturais, mas que convergem em um ponto comum: a materialização de um campo de luta pelo direito à cidade, incluindo moradia adequada, acesso a serviços públicos e infraestrutura básica.

No Rio de Janeiro, as favelas são, portanto, partes integrantes e históricas do tecido urbano, formas de urbanização socialmente produzidas por seus moradores. É imperioso delimitá-las na análise não apenas como representação cartográfica, mas como experiência vivida (Barbosa; Silva, 2013), evidenciando os sujeitos sociais e suas práticas na construção cotidiana do território. Compreendemos a favela para além de seu substrato material, como uma relação indissociável e dinâmica entre os sujeitos e o espaço, em permanente construção (Massey, 2008).

Esta perspectiva contrasta radicalmente com os discursos hegemônicos que historicamente representaram as favelas como territórios carentes de civilidade e urbanidade, reduzindo-as a estereótipos de precariedade, ilegalidade e insegurança - “o avesso da cidade” (Barbosa; Silva, 2013, p. 118). Superar essa visão simplista é fundamental para reconhecer a favela como um espaço de vida, de reprodução socioterritorial e de diversidade. Como assinalam os autores, há uma significativa variação morfológica, socioeconômica e cultural entre diferentes favelas, revelando uma riqueza que a homogeneização preconceituosa insiste em ocultar.

A espacialidade do envelhecimento: a dialética entre sujeito e lugar

O estudo do envelhecimento a partir de uma abordagem geográfica amplia o entendimento sobre esse processo, destacando as espacialidades que o constituem. Parte-se do princípio de que envelhecer é sinônimo de viver; são processos indissociáveis da condição humana (Moreira, 2006). O envelhecimento é, assim, um processo universal, contínuo e singular que redefine o corpo, a memória e, fundamentalmente, a relação das pessoas com os lugares.

Nesta pesquisa, analisa-se a interseção entre idoso e favela como ponto de partida para examinar as condições de vida e como os idosos vivenciam, percebem e transformam esses espaços em lugares de existência. Gupta e Ferguson (2000) reforçam que a experiência do espaço é socialmente construída e materializada pelas relações que as pessoas estabelecem com os lugares ao longo de suas trajetórias de vida.



Massey (2008) oferece uma ferramenta conceitual importante ao entender o espaço como um produto de inter-relações, sempre em processo de construção, um “campo de possibilidades” onde múltiplas trajetórias coexistem e se entrelaçam. Esta abordagem permite compreender como os idosos nas favelas, através de suas vivências e interações, são agentes ativos na contínua produção e transformação do espaço urbano.

Adotar essa dialética significa reconhecer que sujeitos e ambiente estão em constante transformação mútua. O espaço geográfico é uma dimensão complexa onde a vida se concretiza nessas interações. É crucial reconhecer a inseparabilidade entre o material e o imaterial, assim como entre o espaço e os sujeitos que o habitam.

Nesse sentido, o espaço doméstico (a casa) adquire um papel central na territorialidade e na reprodução social dos idosos. É o primeiro espaço das memórias afetivas, o locus onde se constroem e se preservam as narrativas de vida (Bosi, 1994). Oliveira (2022), ao estudar o envelhecimento em contextos rurais de luta pela terra, demonstra como a dimensão afetiva e a conexão emocional com o lugar são centrais para a identidade dos idosos. Suas memórias do "tempo dos barracos de lona" e da construção da casa no assentamento revelam o profundo valor do lugar em suas narrativas, materializando a dialética entre espaço e sujeito.

Esta relação, no entanto, não é uniforme. Mowl et al. (2000), em estudo com idosos ingleses, identificaram que a percepção de “ficar em casa” no envelhecimento é profundamente marcada por gênero e saúde. Para alguns, pode simbolizar declínio físico; para outros, especialmente homens após a aposentadoria, sair de casa é crucial para evitar essa associação. O estudo conclui que a dimensão doméstica é significada por papéis de gênero, onde o corpo envelhecido torna-se um componente central da percepção sobre si e sobre o espaço.

Portanto, a relação entre corpo, espaço e envelhecimento é crucial e varia conforme os contextos socioespaciais. Como afirma Moreira (2006), o envelhecimento não é um fim, mas um processo contínuo de transformação, dinâmico e plural, vivenciado através de histórias, encontros e transformações. A velhice não é um fato estático.

Práticas espaciais, luta e a construção do lugar na favela

A história de ocupação das favelas no Rio de Janeiro é um marco fundamental da produção desigual do espaço urbano, ocorrendo em áreas menos valorizadas pelo mercado imobiliário, como encostas, morros e áreas de mangue (Barbosa; Silva, 2013). Neste contexto,



as práticas espaciais dos moradores foram e são essenciais para sua reprodução e sobrevivência, materializando-se como atos de resistência para a realização de um modo de vida.

Os relatos dos moradores descrevem um início marcado por desafios extremos: a ausência total de infraestrutura de água, esgoto, energia e transporte. A remoção da vegetação para a construção das primeiras moradias, narrada nas entrevistas, é um exemplo emblemático dessas práticas de desbravamento e sobrevivência. A posterior chegada de infraestrutura e serviços públicos é, invariavelmente, fruto de uma luta coletiva pelo reconhecimento social desses territórios perante o Estado (Cardoso, 2015).

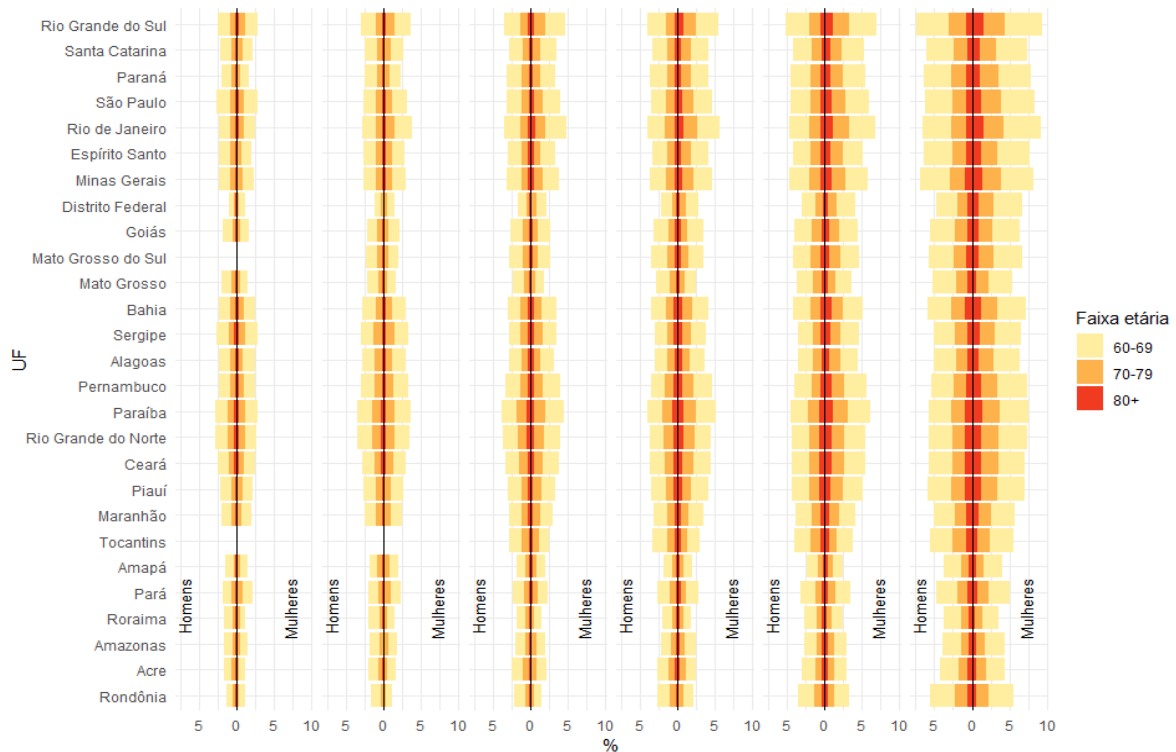
Este conjunto de ações demonstra como o espaço da favela foi literalmente construído e transformado por seus moradores. Através de lutas e resistências cotidianas, eles enfrentaram preconceitos e estigmas, modificando o cenário ao longo dos anos. Desse processo, emerge um novo modo de vida que culmina na transformação do espaço em lugar, territorializado, enraizado e carregado de significado.

É neste lugar, construído na luta e na memória, que os processos de envelhecimento se desdobram. O espaço doméstico, a casa conquistada e construída, torna-se um espaço crucial de sociabilidade, identidade e memória para os idosos. Portanto, investigar as experiências de envelhecimento em favelas, pautando-se nas vivências espaciais e na reconstrução de memórias dos idosos, é reconhecer a profunda dialética entre espaço e sujeito. É analisar como esses sujeitos, ao longo de suas trajetórias, não apenas vivenciaram o espaço, mas o influenciaram ativamente, reconhecendo as transformações geradas pelo trabalho no espaço e no tempo. Esta abordagem é fundamental para um entendimento mais profundo e menos desigual do envelhecimento no Brasil.

As mudanças na composição etária da população e o envelhecimento

O Brasil tem experimentado um processo contínuo de envelhecimento populacional, reflexo de profundas transformações demográficas nas últimas décadas. Reduções nas taxas de natalidade, aumento da expectativa de vida e melhorias nas condições de saúde e saneamento contribuem para esse fenômeno (Camarano, Kanso e Mello, 2004). Estima-se que a proporção de pessoas com 60 anos ou mais tenha evoluído de 3,2% em 1900 para 15,8% em 2022, configurando uma mudança estrutural que impacta significativamente o planejamento social e urbano, sobretudo em territórios marcados por desigualdades e lacunas de infraestrutura.

Figura 2. Distribuição proporcional de idosos segundo sexo e grupos de idade, UFs, 1970-2022.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico (1970,1980,1991,2000,2010,2022).

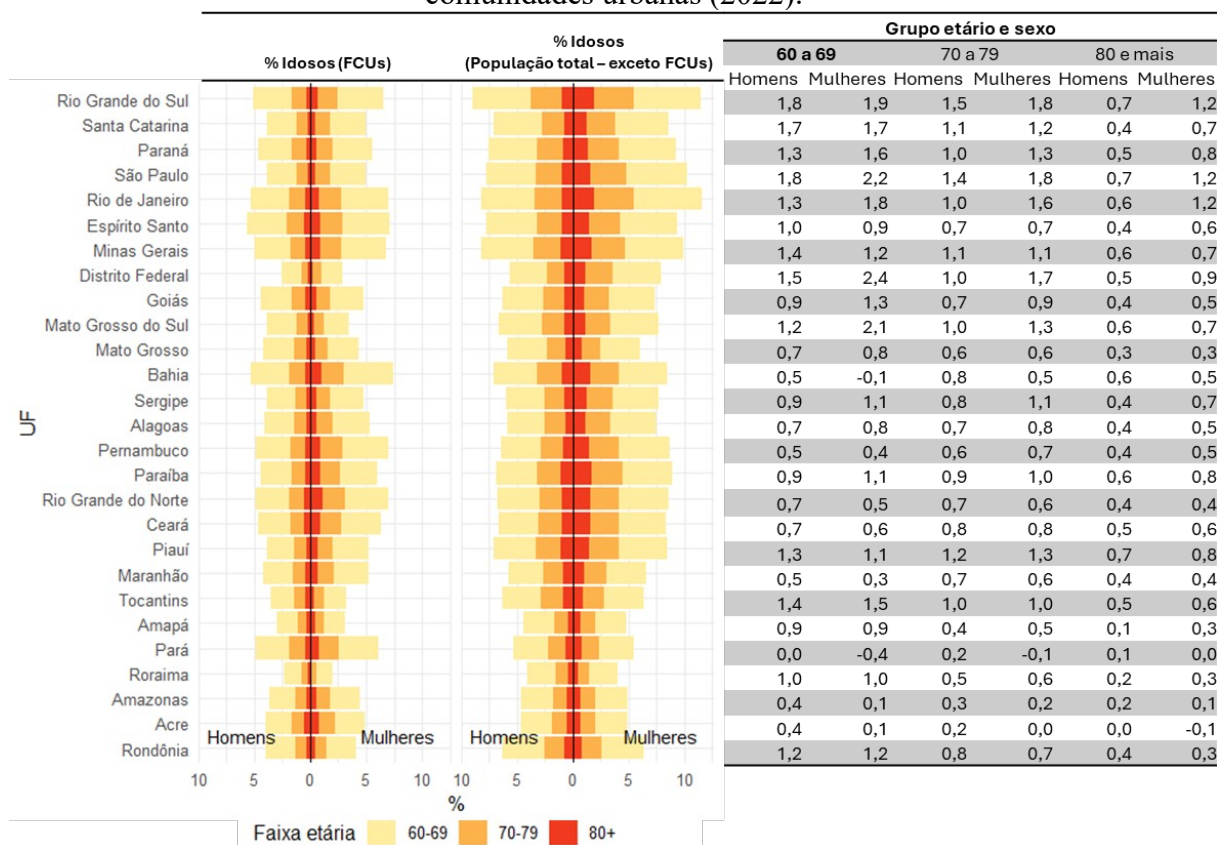
O envelhecimento populacional não ocorre de forma uniforme em todo o país. A Figura 2 apresenta a evolução da população idosa por Unidade Federativa (UF) a partir de 1970, evidenciando uma tendência geral de crescimento desse grupo etário. Dados recentes confirmam o acelerado envelhecimento, com destaque para o aumento do número de mulheres idosas - fenômeno conhecido como feminização da velhice - e do grupo com mais de 80 anos (Cepellos, 2021). Ao mesmo tempo, persistem desigualdades regionais e diferenças entre áreas urbanas e rurais, que moldam experiências diversas de envelhecimento. Estados como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul concentram proporções maiores de idosos, enquanto regiões Norte e Nordeste ainda apresentam uma população relativamente jovem, embora em processo de envelhecimento (IBGE, 2024).

Até 2010, último ano com dados disponíveis por grupos etários urbanos e rurais, já se observavam disparidades entre esses espaços. No Amazonas e em Pernambuco, por exemplo, as proporções de idosos entre as populações rural e urbana eram semelhantes (5,7% e 6,1% no Amazonas; 10,6% em Pernambuco). Em outras UFs, entretanto, a população rural apresentava maior proporção de idosos, como no Rio Grande do Sul (17% rural e 13% urbano), Goiás (12,2% e 9%) e Rondônia (8,4% e 6,8%).

Figura 3. População idosa em favelas e comunidades urbanas e total (exceto favelas e



comunidades urbanas (2022).



Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2022).

A diferença entre a população idosa residente em favelas e comunidades urbanas (FCUs) e a população total também é significativa. Conforme a Figura 3, as FCUs apresentam um envelhecimento menos intenso, salvo exceções como o Pará. Em geral, a diferença em pontos percentuais favorece a população fora das favelas, sendo mais pronunciada em UFs mais envelhecidas, como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Observa-se ainda a feminização da velhice e uma distribuição desigual: Espírito Santo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Minas Gerais apresentam maior envelhecimento nas FCUs, enquanto Distrito Federal e Roraima registram os menores índices.

A análise desses dados exige a compreensão do espaço como categoria central. A experiência de envelhecer está profundamente vinculada ao território, uma vez que moradia, mobilidade urbana, segurança, acesso à saúde, lazer e equipamentos coletivos variam amplamente dentro das cidades brasileiras - especialmente nas favelas e periferias, historicamente marcadas por desigualdades.

Assim, compreender o envelhecimento no Brasil demanda atenção aos contextos territoriais em que os sujeitos estão inseridos. De acordo com Campelo e Paiva et al. (2021), a vivência da velhice depende das condições urbanas e socioespaciais: infraestrutura,



transporte, serviços públicos, segurança, moradia adequada e oportunidades de sociabilidade moldam o cotidiano e podem mediar, facilitar ou limitar o direito de envelhecer com dignidade. Em territórios atravessados por desigualdades estruturais, os desafios enfrentados pelos idosos extrapolam dimensões individuais ou biológicas, evidenciando a centralidade do espaço na constituição das possibilidades - ou barreiras - para viver mais e com qualidade (Batista, Proença e Silva, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Subir ladeiras íngremes com dores nas articulações, esperar horas por um ônibus que não chega ou sentir medo de sair de casa durante uma operação policial - esses são desafios cotidianos enfrentados por idosos nas favelas cariocas. No entanto, suas histórias vão além das dificuldades: revelam um envelhecimento marcado pela tensão entre exclusão estrutural e resistência comunitária.

A infraestrutura precária, aliada à violência institucional, cria barreiras físicas e sociais. Escadarias sem corrimão, ruas esburacadas, ausência de sinalização e transporte público insuficiente limitam a mobilidade. Bambu, 72 anos e cego, descreve: “*Dependo da minha família para sair de casa. Me sinto um peso.*” Ao mesmo tempo, operações policiais frequentes aumentam o risco e o isolamento. Ipê, 68 anos, relata: “*Na última operação, mataram 28 pessoas. Quem sai não sabe se volta.*” Assim, o território, muitas vezes percebido como lar, se torna também fonte de insegurança e restrição.

Figura 4. Escadaria do Cruzeiro: um desafio para a mobilidade no Morro da Providência.



Fonte: Trabalho de campo (2024).

Apesar dessas dificuldades, as favelas também são espaços de afetos, memórias e pertencimento. Bambu chama o Jacarezinho de “*o paraíso do Rio*”, referindo-se às lembranças que transformam vielas em lugares significativos. Jatobá, 70 anos, recorda os mutirões que construíram sua casa: “*O cheiro do mocotó compartilhado, as risadas durante o trabalho - isso não tem preço.*” Esses relatos evidenciam a importância de compreender as favelas como territórios vivos, onde histórias coletivas e vínculos afetivos coexistem com desafios estruturais.

O envelhecimento nesses territórios é atravessado por marcadores sociais, como gênero, raça e classe, que produzem experiências diferenciadas (Calasanti e King, 2015). Primavera, mulher negra de 65 anos, afirma: “*Depois dos 50, a gente já não vale nada no mercado. Se é favelada, pior ainda.*” Ao ser recusada em uma entrevista por sua cor de pele, ela expõe como o racismo limita o acesso a oportunidades. Umbu, 71 anos, reforça essa indignação: “*Patrão me olhava com nojo, mas gritava: ‘Se ele é gente, eu também sou!’*”

Na insuficiência de políticas públicas eficazes, são as redes comunitárias que sustentam a vida cotidiana. Ipê encontra seu “lugar no mundo” na escola de samba. Jatobá transforma seu bar em ponto de apoio solidário: “*Aqui a gente se agarra uns aos outros.*” Redes de vizinhança, rotas alternativas e estratégias de alerta durante operações policiais compõem um cotidiano de resistência silenciosa e inventiva. A favela adapta-se: corrimãos improvisados e trajetos seguros demonstram como os moradores reinventam o espaço para proteger autonomia e bem-estar.



O envelhecimento na favela, portanto, vai além da dimensão biológica ou demográfica: é socialmente construído, por meio de ações cotidianas, vínculos afetivos e projetos coletivos. Perdas e potências se entrelaçam, desafiando concepções homogêneas que associam velhice a isolamento ou incapacidade. Ao reinventarem seu cotidiano, os idosos reafirmam que a velhice é uma narrativa em aberto - profundamente ancorada em um território que simultaneamente limita e fortalece.

No Jacarezinho, a alta densidade populacional e a precariedade dos serviços refletem uma urbanização marcada pela autoconstrução e pelas limitações da ação estatal. Desigualdades internas reforçam segregações socioespaciais, dificultando o acesso a recursos. Na Providência, a topografia íngreme e a instabilidade do teleférico aumentam o isolamento, evidenciando negligência institucional.

A infraestrutura limitada se manifesta de múltiplas formas. No Jacarezinho, escassez de unidades de saúde, esgoto a céu aberto, coleta irregular de lixo e falhas no abastecimento comprometem especialmente a saúde de idosos com dependências ou comorbidades. Na Providência, escadarias íngremes aumentam o risco de acidentes, mesmo diante de intervenções pontuais. A Travessa Iza, no Jacarezinho, simboliza essas dificuldades: uma escadaria sem corrimãos que desafia idosos, pessoas com deficiência e gestantes, resultado tanto do esforço comunitário quanto das limitações estruturais.

Figura 5. Travessa Iza – Jacarezinho.





Esses resultados indicam que políticas públicas não podem se limitar a levar infraestrutura ou serviços às favelas: é necessário construí-los junto aos moradores, ouvindo suas experiências e necessidades. Rampas e ônibus adaptados representam mais do que mobilidade física - simbolizam dignidade, autonomia e direito à cidade. Planejar sem considerar as vozes de quem envelhece nesses territórios é reproduzir exclusões históricas.

Envelhecer na favela é, antes de tudo, um ato político de existência. Como sintetiza Mandacaru, 67 anos: *“Aqui a gente não desiste.”* As narrativas dos idosos desafiam estereótipos sobre a velhice e redefinem o que significa ter direito à cidade, mostrando que a velhice se constrói socialmente, entre perdas e resistências, limitações e afeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o envelhecimento em territórios populares e estigmatizados, como as favelas brasileiras, exige atenção à complexidade das relações sociais, espaciais, políticas e afetivas que os constituem. Esses espaços não se reduzem à vulnerabilidade: são também territórios de vínculos, histórias diversas e resistências cotidianas. Os idosos que ali vivem enfrentam desafios relacionados à infraestrutura urbana e ao estigma territorial, mas constroem estratégias que ressignificam o envelhecer e reafirmam seus laços com o lugar.

Longe de serem apenas espaços de carência, as favelas abrigam formas singulares de viver e conviver. Diante da ausência ou fragilidade das políticas públicas, emergem soluções locais sustentadas por saberes partilhados e redes de solidariedade, como mutirões para reformas, apoio entre vizinhos e práticas comunitárias de cuidado, que contribuem para um cotidiano mais habitável e digno.

Nos contextos investigados, o envelhecimento está profundamente relacionado às condições físicas e sociais do território. Escadarias, passagens estreitas e transporte deficiente limitam a mobilidade e a participação social, impactando diretamente a qualidade de vida. Esses obstáculos evidenciam a necessidade de políticas públicas sensíveis às especificidades locais, que considerem também os vínculos afetivos e simbólicos com o lugar.

A casa, nesses contextos, vai além da função de abrigo: torna-se espaço de memória e pertencimento. Esse apego, por vezes, dificulta a mudança para locais mais acessíveis, reforçando a importância de intervenções que respeitem os laços estabelecidos. A circulação cotidiana está diretamente ligada à autonomia, ao acesso à cidade e à preservação das relações sociais, frequentemente garantida por estratégias locais criativas e colaborativas.



As experiências vividas no Jacarezinho e na Providência evidenciam diferenças relevantes na morfologia urbana, na oferta de serviços e na atuação de redes institucionais. Enquanto o Jacarezinho apresenta maior densidade e presença de equipamentos públicos, a Providência enfrenta desafios mais intensos devido ao relevo e à escassez de estabelecimentos de saúde e de ensino. Essas distinções reforçam a importância de considerar as particularidades territoriais na formulação de respostas estatais.

Entre as propostas levantadas pelos interlocutores, destacam-se melhorias na infraestrutura - como rampas e corrimãos -, fortalecimento do transporte coletivo e ampliação de atividades de convivência, como oficinas, rodas de conversa e práticas corporais, essenciais para o bem-estar e o fortalecimento de vínculos intergeracionais.

A inclusão da população idosa no planejamento urbano requer o reconhecimento de suas trajetórias, experiências e necessidades. O envelhecimento em favelas exige atenção às dimensões materiais - moradia, serviços, mobilidade - e subjetivas - afetos, memórias e pertencimentos. Apesar das precariedades dos serviços públicos, os sujeitos mobilizam recursos locais para enfrentar adversidades, transformando a mobilidade em gesto político, de permanência e de reivindicação do direito à cidade.

Envelhecer nesses contextos implica negociação constante com os limites impostos pelo território e reinvenção de formas de viver. Os idosos permanecem ativos nas dinâmicas comunitárias, compartilhando saberes, experiências e cuidado. Essa presença, contudo, não exime o Estado de sua responsabilidade em garantir condições mais equitativas de vida.

A construção de políticas públicas voltadas ao envelhecimento em territórios populares deve considerar as desigualdades que atravessam essas trajetórias. Medidas pontuais são insuficientes diante das estruturas que perpetuam exclusões; são urgentes estratégias integradas, construídas em diálogo com as comunidades e a partir da valorização dos saberes locais.

Em síntese, envelhecer em favelas e comunidades periféricas é uma experiência social e territorial profundamente relacional. Os idosos não apenas resistem às adversidades, mas constroem sentidos, vínculos e práticas que desafiam leituras estigmatizantes. Ao visibilizar essas trajetórias, esta pesquisa reafirma que envelhecer nesses territórios é, acima de tudo, um direito social e territorial, que exige reconhecimento, cuidado e políticas públicas sensíveis à realidade local.

REFERÊNCIAS



ABREU, J. A invenção da favela industrial: pistas da história, memória e identidade do Jacarezinho. **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 8, n. 15, p. 262–300, 2020. DOI: 10.21665/2318-3888.v8n15p262-300.

BARBOSA, J. L.; SILVA, J. S. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 1, 2013, p. 115-126.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, L. E. PROENÇA, A. SILVA, A. (2021). Covid-19 e a população negra. **Interface** (Botucatu. Online), v. 25, p. 1-6.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CALASANTI, T; KING, N. Intersetionality and age. (2015). In: TWIGG, Julia Twigg; MARTIN, W. M. **Routledge Handbook of Cultural Gerontology** - 1st Edition. Acesso em: 20/05/2025.

CAMARANO, A. A. Vidas Idosas Importam, Mesmo na Pandemia. **Políticas Sociais** (IPEA), v. 1, p. 509-537, 2021.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. (2004). Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (org). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA.

CAMPELO e PAIVA, S de O.; SOARES, R. C.; BENEDITO, J.; C. NÁIADE., M.; CAVALCANTE, P. F. (2021) Desigualdade, Envelhecimento e Saúde no tempo de Contrarreformas. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 24, p. 65-82.

CARDOSO, C. O espaço e o lugar na favela: as diferentes representações e identificações sobre a Favela da Maré, Rio de Janeiro. **Geosul**, Florianópolis, v. 30, n. 59, p 145-166, jan./jun. 2015.

CEPELLOS, V. M. (2021). Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muitoalém dos números. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 2, p. e20190861.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 2002.

GUPTA, A. FERGUSON, J. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, A. A. (org). **Espaço da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp, pp. 31-49. 2000

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5) 1995: pp. 07-41.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024.

IBGE. **Favelas e Comunidades Urbanas: Primeiros Resultados**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024. Disponível em <https://www.pns.icict.fiocruz.br/volumes-ibge/>. Acesso em 31/01/2025.

KAPP, S., MATIS, C., LYRA, L., MARCANDIER, R. Envelhecer com a favela: mulheres pioneiras nas Vilas da Serra. **III Seminário Nacional sobre Urbanização de Favelas - Urbafavelas**. Salvador - BA – Brasil, 2018.



MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MOREIRA, P. P. **Envelhecer**. Histórias, encontros, transformações. 3ª ed. -Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOWL, G., PAIN, R., TALBOT, C. The ageing body and the homespace. **Area**, 32: 189-197. 2000. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2000.tb00129.x>. Acesso em 03 ago 2025.

OLIVEIRA, F. H. F. **O envelhecimento do ser no espaço: memórias de idosos em contextos de luta e conquista da terra no Pontal do Paranapanema - São Paulo - Brasil**. 2022. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2022.

PAULINO, L.N. **O processo de urbanização do Jacarezinho, cidade do Rio de Janeiro: Periferia, Verticalização e Território de risco**. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade de Brasília – UnB, Programa de Graduação em Geografia 2017.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “dizível” ao “indizível”. In: VON SIMSON, O. M. Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: **Revista dos Tribunais Ltda.**, 1988. p. 14-43.

REGINENSI, C. BAUTÈS, N. Percursos e travessias no Morro da Providência: desafios das interações sociais e espaciais no jogo formal/informal. **Libertas: R. Fac. Serv. Soc.**, Juiz de Fora, v.13, n.2, p. 115-135, jul./dez. 2013.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.